



Recebido em
25-03-2019

Aprovado em
10-12-2019

Como citar este artigo

Gonçalves, TS;
Peres, MAA; Silva, TL;
Lacerda, AC;
Carvalho, ACS.
[Centro Acadêmico
de Enfermagem da
Universidade Federal
do Rio de Janeiro
(1979-1991)].
Hist enferm Rev
eletrônica [Internet].
2019; 10(2):35-46.

Centro Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979-1991)

*Centro Académico de Enfermería de la Universidad
Federal de Rio de Janeiro (1979-1991)*

*Federal University of Rio de Janeiro Academic
Nursing Center (1979-1991)*

**Thauanne de Souza Gonçalves^I, Maria Angélica de Almeida Peres^{II},
Tayná Leonardo da Silva^{III}, Alessandra Cabral de Lacerda^{IV},
Ana Cristina Silva de Carvalho^{IV}**

^I Enfermeira. Bolsista Capes. Mestranda da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^{II} Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Fundamental, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^{III} Acadêmica de Enfermagem. Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^{IV} Enfermeira. Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia. Doutoranda da Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO

Objetivos: historicizar as atividades do caenf e as circunstâncias de como se deu sua renomeação em 1991. **Métodos:** estudo histórico social de abordagem qualitativa em que foram utilizadas fontes históricas, escritas e orais, estas coletadas por entrevistas mediante a técnica da história oral temática. os resultados foram interpretados e discutidos baseados nos conceitos de memória de michael pollak e identidade social e profissional de claude dubar. **Resultados:** as atividades do caenf acompanhavam as nuances do movimento estudantil na universidade, sendo mais marcantes as reuniões estudantis, nas quais se discutia, dentre outras questões, o contexto político-social do país. nessas, surgiu o interesse pela renomeação. **Conclusões:** o caenf atuou na construção do senso de pertencimento à classe estudantil. sua renomeação se deu em contexto de exaltação perante o falecimento inesperado de uma estudante admirada, que foi transformada em ícone.

Descritores: estudantes de enfermagem; diretório; estudantes; história da enfermagem.

RESUMEN

Objetivos: historicizar las actividades del caenf y las circunstancias de su cambio de nombre en 1991. **Métodos:** estudio histórico social de abordaje cualitativo utilizando fuentes históricas escritas y orales, que fueron recolectadas por entrevistas utilizando la técnica de historia oral temática. los resultados fueron interpretados y discutidos en base a los conceptos de memoria de michael pollak y la identidad social y profesional de claude dubar. **Resultados:** las actividades de caenf siguieron los matices del movimiento estudiantil en la universidad, y las reuniones estudiantiles fueron más llamativas, en las que se discutía el contexto político-social del país, entre otros temas. en estas surgió el interés para cambiar el nombre. **Conclusiones:** el caenf actuó en la construcción del sentido de pertenencia a la clase de estudiantes. su cambio de nombre tuvo lugar en un contexto de exaltación ante la muerte inesperada de una estudiante admirada, que se transformó en un ícono.

Descritores: estudiantes de enfermería; directorio; estudiantes; historia de la enfermería

ABSTRACT

Objectives: describe the history of caenf activities and the circumstances under which it was renamed in 1991. **Methods:** social and historical study using a qualitative approach with written and oral historical sources. these sources were obtained by means of interviews using a thematic oral history technique. results were interpreted and discussed based on michael pollak's memory and claude dubar's social and professional identity concepts. **Results:** caenf activities were aligned with students' movements in the university, and student meetings were taken very seriously. students discussed, among other topics, brazil's political and social scenario. during these meetings, students showed an interest to rename the center. **Conclusions:** caenf played an important role in building a sense of belonging to a students' community. the center was renamed during a period of mourning because of the unexpected death of a dear student, who then became an icon.

Descritores: students; nursing; directory; students; history of nursing

INTRODUÇÃO

A atual Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), surgiu no bojo do movimento sanitário brasileiro do início do século XX e foi incorporada à Universidade do Brasil em 1937, sendo a primeira escola de enfermagem brasileira a fazer parte de uma universidade⁽¹⁾. Sua primeira organização estudantil foi o Governo Interno das Alunas para representar as estudantes no internato da escola⁽²⁾.

Em 1926 as estudantes e professoras criaram a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED) considerando a premissa de que a profissão para ser reconhecida, necessitava de uma associação e de uma revista. Em 20 de abril de 1942, foi fundada a Associação de Ex-alunos da Escola de Enfermagem Anna Nery, designada abreviadamente ANA, o que mostra o interesse da escola em reunir e organizar grupos relacionados à profissão^(3,4).

O presente artigo possui como objeto de estudo o Centro Acadêmico de Enfermagem da UFRJ (CAEnf), tendo como marco inicial o ano de 1979, em que se tem o mais antigo documento encontrado no acervo da entidade e como marco final, o ano de 1991, quando passou à denominação Diretório Acadêmico Sandra Cristina Feitosa (DASCF)⁽⁵⁾.

O CAEnf atua como entidade de representação autônoma com estatuto aprovado em Assembleia Geral Estudantil, de acordo com lei nº 7395 de 1985⁽⁶⁾. A gestão do CAEnf tem cadeira cativa na Egrégia Congregação da EEAN, com direito a voto. Participa da Executiva Nacional dos Estudantes de Enfermagem, do Fórum de Centros Acadêmicos (CAs) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFRJ e constitui o Diretório Central Estudantil (DCE) Mário Prata.

A entidade está organizada em Setor Executivo com os cargos de presidência, vice-presidência e tesouraria, secretaria-geral e cinco diretorias, sendo elas Ensino, Assistência Estudantil, Diversidades,

Eventos e Comunicação, cada uma composta por diretora e suplente. O CAEnf também gerencia grupos de trabalho e núcleos de apoio, sendo os mais ativos os de Diversidades e Eventos.

Marcos Históricos do Movimento Estudantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro

A história do movimento estudantil no Brasil tem início em 1901 quando é criada a primeira entidade representativa de nível nacional, a Federação dos Estudantes Brasileiros⁽⁷⁻⁹⁾. Em 1910 ocorre o Primeiro Encontro Nacional de Estudantes em São Paulo. Durante a década de 1930, com o início do Estado Getulista e a criação do Estatuto das Universidades Brasileiras, o movimento estudantil ganhou força, sobretudo dentro de instituições político-partidárias⁽¹⁰⁾. Em 1937, ocorre no Rio de Janeiro o Conselho Nacional de Estudantes, onde foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE). Desde então, a UNE participa ativamente das atividades políticas do país, incentivando a criação de entidades representativas menores, como os Centros e Diretórios Acadêmicos (CA e DA), Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE) e as Uniões Estaduais de Estudantes (UEE)⁽⁷⁻⁹⁾.

Com o início da Ditadura Militar no Brasil, a partir do golpe de 1964, as instituições de organização estudantil foram imediatamente reprimidas. Ainda neste ano, através da Lei Suplicy de Lacerda, a UNE foi considerada ilegal, porém permaneceu atuante, realizando encontros em locais de pouca visibilidade. A história registra que diversos estudantes pertencentes a UNE foram presos, torturados e mortos no período de ditadura^(7,9,11).

Apesar da repressão, as entidades estudantis continuaram a existir e a se fortalecer. Sempre em oposição total ao regime, a UNE atuou na clandestinidade, tendo um de seus presidentes perseguido e morto. Os CAs e DAs, assim como os Diretórios Centrais dos Estudantes, também passaram a ser ilegais e/ou foram substituídos por entidades sem autonomia^(7,9).

A repressão do governo ao movimento estudantil foi aumentando e, em 1966, ocorreu o Massacre da Praia Vermelha na Faculdade de Medicina da UFRJ. Em 1968, ano em que o regime passa a ser mais controlador com o Ato Institucional nº5 (AI-5), dois episódios no cenário político nacional foram protagonizados pelos estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e marcaram o enfraquecimento do apoio ao regime nacional: o primeiro iniciou após o assassinato do estudante secundarista Édson Luís dentro de um restaurante da UFRJ, fato que intensificou os protestos e culminou na Passeata dos Cem Mil, que levou às ruas não apenas estudantes, mas diversos setores da sociedade insatisfeitos com o regime⁽¹²⁾; o segundo, conhecido como Sexta Feira Sangrenta, ocorreu durante um protesto estudantil protagonizado pelos estudantes da UFRJ, quando a repressão policial transformou o centro do Rio de Janeiro em um cenário de guerra, o regime começou a perder o apoio da classe média, uma de suas bases sustentadoras^(7,12-14).

Apesar da repressão, tamanha era a mobilização estudantil, considerada inicialmente a maior força de oposição ao regime, que, ainda em 1968, deu-se a Reforma Universitária, que instituiu os vestibulares unificados e apresentou mudanças da estrutura organizativa das universidades visando expansão, aumento da eficiência e produtividade. No curso de enfermagem da UFRJ a Reforma implicou na entrada de estudantes homens, modificando seu espaço social, resultando em maior liberdade de expressão do corpo acadêmico^(10,12,15).

A tentativa de impedir o movimento estudantil continuou nos anos seguintes e, em 1971, o estudante de engenharia, militante do Movimento Revolucionário 8 de outubro, Mário de Souza Prata, foi perseguido e morto pelo regime militar, aos 26 anos. Ao ser reaberto em 1978, o DCE da UFRJ foi nomeado DCE Mário Prata, em homenagem aos estudantes que perderam a vida lutando pelo fim da repressão e da ditadura militar⁽¹³⁾. O enfraquecimento do regime militar é percebido a partir da década de 1980. Com isso, o movimento estudantil inicia sua reorganização, aumentando a pressão pela volta da legalidade das entidades. Em 1985 é aprovada a Lei nº 7.395⁽⁶⁾, que reconhece todas as entidades representativas estudantis, tanto de nível superior como de nível fundamental e médio, como entidades de representação autônomas^(7,8).

Atualmente a educação no Brasil passa por turbulências diversas que afetam desde o ensino básico ao superior. Em 2016 foi aprovada a Emenda Constitucional de número 95, que limita o teto de gastos públicos federais para os próximos 20 anos^(16,17). Ainda, o avanço do processo de tramitação legislativa do Projeto de Lei que instituiria o “Programa Escola sem Partido”, propôs lançar censuras ao livre debate nas escolas, coibindo o diálogo em áreas como gênero, sexualidade e política⁽¹⁸⁾. As reformas do ensino

médio, aprovadas sobre a Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017⁽¹⁹⁾, suscitaram debates como a importância das ciências humanas e sociais na formação, o ensino médio profissionalizante, priorizando o ingresso rápido no mercado de trabalho, entre outras questões relacionadas ao ensino que trouxeram reflexões a respeito da própria função do ensino médio na formação intelectual e social dos indivíduos⁽²⁰⁾.

Na perspectiva de ver o orçamento das instituições federais de ensino limitado até 2036 e a liberdade para discutir temas necessários à vida em sociedade, o movimento estudantil reagiu. As instituições de ensino médio e superior foram “ocupadas” por estudantes que objetivavam manifestar sua indignação frente às propostas para a educação brasileira, bem como promover atividades educacionais inclusivas e diversificadas, inserindo a comunidade e os saberes locais nas práticas de ensino^(17,21).

No atual governo diversas foram as propostas que suscitaram preocupações sobre o futuro da educação no país. Os cortes e contingenciamentos nos orçamentos das instituições de ensino vêm prejudicando seu funcionamento e causando reações de estudantes e professores que foram às ruas em diversas ocasiões do ano de 2019 para demonstrar insatisfação. Ainda, entre as possibilidades figuram a extinção do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através de sua fusão com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que por sua vez pode perder a autonomia^(22,23).

O projeto “Future-se”, que pretende inserir o capital privado nas universidades públicas apresenta mudanças impactantes no paradigma da constituição pública e democrática dessas instituições. A preocupação de retroceder nas conquistas sociais em relação ao acesso e permanência de estudantes pertencentes a classes econômicas inferiores e grupos raciais e étnicos historicamente relegados a piores condições e oportunidades, paira sobre os estudantes universitários⁽²⁴⁾.

Apesar de tudo, o movimento estudantil segue promovendo atividades e organizando suas entidades. Atualmente, os estudantes universitários se organizam principalmente em CAs e DAs, sobretudo nas universidades públicas. Grande parte dos cursos organiza-se também nas chamadas Executivas Nacionais, que são entidades que congregam os CAs, DAs e os Coletivos de determinado curso, a exemplo da Executiva Nacional dos Estudantes de Enfermagem. Além disso, a UNE continua a existir sendo forte e influente no movimento estudantil^(7,25).

Com as questões supracitadas e o fato de ser uma das maiores universidades do país, torna-se notável a força da UFRJ no cenário político nacional. A história do movimento estudantil carioca tem a UFRJ como protagonista, sendo seus espaços cenários de mobilizações e lutas. O Rio de Janeiro possui grande força política, tendo sido capital do país até 1960. No entanto, a efervescência política permanece na cidade até os dias de hoje⁽²⁶⁾.

Diante disso, encontra-se o interesse e a relevância de estudar a entidade estudantil da Enfermagem na UFRJ e seu desenvolvimento, considerando o significativo papel das universidades públicas na construção política e social do país. O objetivo da pesquisa foi de historicizar as atividades do CAEnf e as circunstâncias de como se deu sua renomeação em 1991.

MÉTODOS

Pesquisa histórico-social, desenvolvida na perspectiva da História do Tempo Presente, de abordagem qualitativa. O conhecimento histórico caracteriza-se pela abordagem sistemática por meio da coleta, organização e avaliação crítica de fontes, que possuam relação com ocorrências do passado^(27,28). Considerou-se três os passos importantes para a construção deste trabalho histórico social: 1) levantamento de dados; 2) avaliação crítica destes dados; 3) apresentação dos fatos, interpretação e conclusões⁽²⁹⁾. Investigar qualitativamente a partir de um contexto histórico social significa a preocupação de compreender os eventos pesquisados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social.

No estudo, o levantamento de dados permitiu a identificação de fontes diretas (primárias) e fontes indiretas (secundárias). As fontes diretas escritas encontradas foram atas de reuniões, livros-caixa, anotações, boletins e jornais, localizados no CAEnf, no Centro de Documentação da EEAN e em acervos de bibliotecas; as fontes diretas orais foram produzidas pela técnica da História Oral Temática⁽³⁰⁾. Para a produção de fontes orais foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado e gravador⁽³¹⁾.

Os colaboradores foram quatro ex-alunos da EEAN (dois homens e duas mulheres) que tinham ligações com o CAEnf no período em estudo. Os critérios de inclusão foram: ter sido membro da gestão do CAEnf, ter frequentado o CAEnf, ter sido professor da EEAN e se envolvido com o CAEnf (apoio,

orientação ou outras atividades). O convite para participar foi enviado por e-mail, onde foi esclarecido o objeto e objetivo do estudo. Diante do aceite em participar da pesquisa, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada colaborador, sendo a autora principal, responsável por ir até os mesmos para a coleta de dados, ocorrida entre setembro e outubro de 2018, em data, hora e local de melhor conveniência para eles⁽³¹⁾. O tempo médio das entrevistas foi de 32 minutos. Os colaboradores foram identificados no texto pela letra C, seguida do número da entrevista.

O recorte histórico de 1979 a 1991 se justifica pela disponibilidade de fontes históricas, pois o documento mais antigo da entidade data de 1979, pela importância do período para o movimento estudantil devido ao início da reabertura política pós ditadura, que reformulou as organizações de estudantes e pelo interesse atual do CAEnf de compreender sua história e suas origens.

Os dados foram organizados de forma cronológica para possibilitar a análise temática dos fatos, de acordo com os objetivos a serem atingidos pela pesquisa, estabelecendo assim os elementos constituintes das categorias do estudo de acordo com o método histórico-social. Os fatos narrados nas entrevistas orais foram organizados a partir das transcrições e comparados com as informações presentes nos documentos escritos e discutidos junto aos fatos históricos da conjuntura nacional. Nos resultados foram apresentados os eventos, atividades e observações mais marcantes obtidos pelas fontes de estudo.

A última etapa metodológica deste estudo consistiu na discussão dos dados interpretados à luz do conceito de memória, proposto por Michael Pollak⁽³²⁾, considerada elemento proveniente de uma construção social e coletiva; e do conceito de identidade proposto por Claude Dubar⁽³³⁾, que em “A Socialização” a define para o estudante enquanto inconformidade e mudança por se configurar em um período de transição na vida em que a identidade herdada, adquirida durante a infância e adolescência no convívio familiar, entra em confronto com a construção da identidade profissional iniciada no meio acadêmico.

A pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa pelo parecer n.2.654.770, de 15 de maio de 2018, e seguiu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CNS/MS).

RESULTADOS

Para contextualizar os resultados do estudo, apresenta-se abaixo a Figura 1: Linha do Tempo, com marco inicial em 1964 e final em 1991, que aparecem delimitados dentro dos regimes políticos do Brasil. O ano de 1964 marca o início do período ditatorial, que se estendeu até o ano de 1985. Conforme apresentado nas considerações iniciais, este período foi marcado pela repressão e clandestinidade do movimento estudantil. No ano de 1979 o regime já perdia forças e os movimentos sociais estavam em ascensão, assim sendo, o movimento estudantil voltava a sua atuação fora da clandestinidade, tendo inclusive registrado suas atividades em livros-caixa. Em 1985, com a eleição de Tancredo Neves, considera-se findado o regime ditatorial militar no Brasil. O movimento estudantil passa a ser reconhecido pela Lei nº 7.395/85, que reconhece os Centros e Diretórios Acadêmicos enquanto entidade representativa e autônoma.

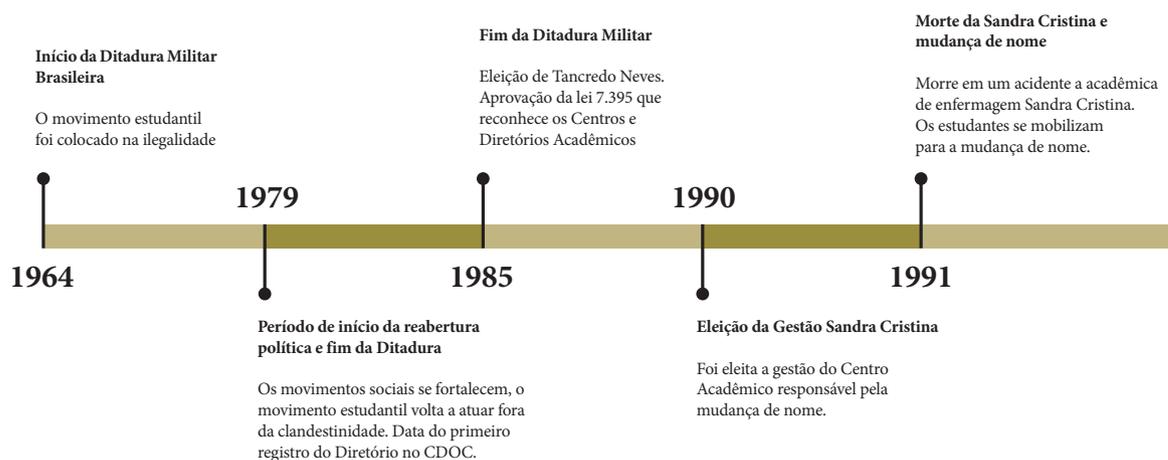


Figura 1- Linha do tempo

Para o Centro Acadêmico de Enfermagem da UFRJ esse período foi de forte atuação nas pautas políticas e universitárias, tendo os estudantes vivido a reabertura política ao seu máximo. Em 1990, o grupo em que Sandra Cristina Feitosa, estudante do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia fazia parte, é eleito e assume a gestão. No ano de 1991, ocorre a mudança do nome de Centro Acadêmico de Enfermagem para Diretório Acadêmico Sandra Cristina Feitosa mediante a morte de Sandra em um acidente automobilístico.

De acordo com a história narrada pelos colaboradores, os Centros Acadêmicos são percebidos de forma diferente, a depender da sua posição no cenário universitário. Todos os colaboradores descreveram o CAEnf, a partir de duas visões sobre o mesmo, sendo uma do tempo em que eram estudantes e outra como profissionais. As menções ao período de redemocratização, sobretudo o fim dos anos 1980, citam o contexto político como impulsionador do movimento estudantil:

o Movimento Estudantil, como um todo, [...] estava renascendo a partir de 1985 com a eleição de Tancredo Neves e aquele processo de redemocratização. O Movimento Estudantil estava renascendo tanto o nosso Centro Acadêmico, quanto o DCE da UFRJ. Então era um momento de efervescência e as pessoas queriam se organizar novamente (C1).

Na fala de outro colaborador, a percepção do movimento estudantil após a Ditadura Militar se apresenta com o mesmo sentido:

Eu tenho a minha percepção de estudante, quando eu entrei na universidade. Eu entrei na universidade em 1984, a gente estava naquele processo de transição da ditadura militar para o regime democrático, então foi naquele período bem conturbado, com a saída do general e a entrada do Tancredo Neves, e aquela morte do Tancredo Neves e o Sarney assumindo. Enfim, nessa época o Diretório Acadêmico ele era extremamente participativo, era um Diretório de luta e a luta era cotidiana, era diária, era presente. A gente via muita movimentação(...) (C2).

Contudo, a visão atual do movimento estudantil se apresenta de forma diferente, o que demonstra as mudanças na visão da trajetória histórica da organização:

[...] eu tenho a minha visão de um Diretório participativo político, mobilizador, assembleias cheias e eles gritando lá na frente sem microfone pra poder se fazer ouvir. Depois eu me lembro dos Diretórios já quando eu passei pro lado de lá, de quando já era professora e tal, e eu lembro de um Diretório mais morno, não tão organizado no sentido das grandes frentes, mas assim, participando, mobilizando e tudo, mas mais pras pequenas coisas, não mais naquelas lutas, aquelas frentes muito grandes (C2).

A mudança de percepção também se deu ao longo da carreira docente para outro colaborador:

Com o passar dos anos, depois que eu me tornei Professor [...] eu vejo um esvaziamento do Movimento Estudantil mais uma vez agora nos últimos anos, as pessoas não querendo participar do Movimento Estudantil tradicional [...]. E isso, eu vivi um movimento de agregação ao Movimento Estudantil e nos últimos anos eu tenho visto um movimento de pulverização e uma desagregação do movimento, muitas tendências e muitas outras atividades, não só Centro Acadêmico, Diretórios Acadêmicos, Ligas Acadêmicas, Associações Atléticas, e enfim, pulveriza e sempre pouca gente em cada atividade (C1).

Foi citado por um dos colaboradores que o menor envolvimento atual dos estudantes com o movimento estudantil pode ser fruto do currículo do curso de graduação em enfermagem oferecer pouco espaço na grade horária para atividades fora de sala de aula. Outro aspecto, refere-se às dificuldades sociais que o estudante atualmente encontra para cursar uma graduação na universidade, que tornam a realidade mais difícil e a vida acadêmica mais restrita ao objetivo de conclusão do curso.

Dos quatro entrevistados, dois participaram da gestão do Centro Acadêmico entre 1989 e 1991, porém, todos tem recordações das atividades do movimento estudantil e dos estudantes que eram mais destacados no mesmo, o que mostra que os estudantes se envolviam nas atividades mesmo que não integrassem a gestão.

Para C1, a sua relação com o movimento estudantil foi “intensa”, pois iniciou seu contato com o Centro Acadêmico já na pré-matrícula na universidade e permaneceu nas atividades até o fim do

curso. Um dos colaboradores relata que foi incentivado a ingressar no Centro Acadêmico por colegas que dele faziam parte, além de informar que seu envolvimento com o movimento estudantil: [...] foi fundamental inclusive para minha permanência no curso da enfermagem (C4).

No olhar de C3, apesar de não ter feito parte da gestão do Centro Acadêmico, sua relação com os estudantes que participavam da gestão era constante, sobretudo através do desenvolvimento das atividades da Cruz Vermelha, instituição da qual fazia parte. Sua relação também se dava através do contato com os membros da gestão, por serem da mesma turma, como a própria Sandra Cristina Feitosa. Para esta colaboradora a representatividade do Centro Acadêmico era o que o aproximava dos estudantes.

Uma das principais atividades desenvolvidas pelo Centro Acadêmico de Enfermagem era a reunião semanal, das quais as pautas eram pré selecionadas e registradas em Atas. No relato de um colaborador é possível vislumbrar como se dava essa atividade:

A gente fazia uma tradicional reunião às quartas-feiras, a partir das quatro horas [...]. E era ótimo, ali a gente traçava nossos planos, ali a gente se encontrava, confraternizava, ali falava da vida, então era um espaço também de convivência social entre nós. [...] Mas a gente fazia a reunião, via o resumo dos estudantes quando eles eram representantes dos Departamentos, na Coordenação de Graduação e na Congregação, e tentava articular a movimentação em favor das ideias que a gente defendia, apoiar, participar e tentar viabilizar essas ideias nos espaços resolutivos e deliberativos da Escola (C1).

Uma conquista do Centro Acadêmico de Enfermagem ocorrida no período do estudo foi mencionada nas quatro entrevistas: a retirada da touca do uniforme das estudantes mulheres do curso. A imagem do auditório Rodolpho Paulo Rocco, popularmente conhecido como “Quinhentão”, cheio de estudantes dialogando para a retirada histórica de uma das insígnias da Escola, utilizada desde 1923⁽⁴⁾, permaneceu no imaginário dos colaboradores, que consideram este um momento marcante e importante na história da EEAN.

Na memória de uma colaboradora, estudante da década de 1980, coube destaque às atividades de manifestação política conforme o relato:

Eu me lembro uma vez uma estudante do diretório nosso de enfermagem, ela [uma aluna] estava de vestido e touca, que usava naquela época, ela era da área hospitalar, a gente era do básico, me lembro dela entrando na sala pra falar com a gente, o professor de anatomia não saiu da sala, ela não se intimidou, ela sozinha, mulher, de touca, branco e ele médico, e ela falando, e ela reivindicando e falando com os alunos, tentando mobilizar a gente, o professor entrou na conversa, por exemplo assim aí falou umas coisas né, e ela encarou o professor (C2).

Através deste relato é possível identificar o entusiasmo com que os estudantes se envolviam em pautas políticas. Também foram trazidos à lembrança outros estudantes envolvidos politicamente com a EEAN:

Eu lembro do Chico, que era um estudante da época, politizado e muito político, certamente de uma esquerda muito bem fundamentada, lembro do Salomão, que é uma figura da minha geração, não sei se você já ouviu falar da figura do Salomão, que foi também do Diretório, foi do curso de enfermagem, ele tomou uma vez o bandeirão, por conta de um aumento lá de uns centavos, ele tomou o caixa do bandeirão, mandou os alunos passarem todos e graça. Isso assim, em pleno final de regime militar e tal, a aí ele foi afastado dos processos políticos da universidade, ele quase foi jubilado (C2).

Em relação ao falecimento da estudante Sandra Cristina Feitosa, diante da ausência de informações nos documentos pesquisados sobre o fato, recorreu-se a memória dos colaboradores. Para os mesmos, a figura da estudante emerge com clareza desde antes do acontecimento:

A Sandra foi da minha turma, desde o início da faculdade [...] a Sandra fazia parte do meu grupo dentro da turma. Tanto é que foi esse meu grupo dentro da turma que assumiu o Diretório Acadêmico [...]. [A Sandra] enquanto estudante era muito dedicada, uma pessoa muito responsável, cumpridora dos seus deveres acadêmicos, cumpridora dos seus deveres no movimento estudantil, sempre atuando junto com a gente ali no Diretório Acadêmico. E enquanto pessoa, uma pessoa sensacional também de um caráter muito legal [...]. Na verdade,

o episódio do falecimento dela, que foi dentro da Universidade, [...] era uma semana de evento científico que tava acontecendo dentro da UFRJ e ela tava prestando apoio e aí em um dos deslocamentos de carro houve um acidente e ela faleceu. Então uma pessoa muito atuante, uma pessoa muito reservada, enfim, uma companheira sensacional e uma estudante exemplar (CA).

[...] eu não tinha uma relação direta com a Sandra, quando eu vi a Sandra, ela era líder mesmo, [...] era aquela pessoa que não tinha aquele discurso com palavras tão rebuscadas e tão bonitas, mas ela tinha uma... ela conquistava no olhar, na postura, na atitude, então as pessoas queriam que a Sandra fosse pra frente se colocar porque ela era agregadora, ela conseguia (C3).

Ao mencionar o acidente a colaboradora relembra que o momento da ocorrência foi durante um evento científico em que Sandra representava o Centro Acadêmico:

O que a gente não sabia é que este Diretório Acadêmico, para além dos horários. A gente que tá deslocado [...] acha que quem é do Diretório atua naquele momento [...] de graduação. Mas ela trabalhava, e ela era do alojamento, então eles trabalhavam efetivamente sábado e domingo. [...] Foi quando a gente soube do acidente, porque que aconteceu, por isso. Era um grupo mobilizado, trabalhando [...]. Aí é que você se toca que vai para além, ela só dava conta porque ela tinha carga horária extraordinária, em horário que não era conveniente, no fim de semana que ela podia estar com a família, ela estava trabalhando em prol dos estudantes da própria Escola (C3).

Ainda, considerado um agravante do que toca no emocional dos estudantes e reflete na intenção de homenageá-la, foi o destino da Sandra após o acidente ter sido o Hospital Universitário, em que os alunos estagiavam:

[...] quando acontece isso com ela, nós éramos os estudantes que estavam envolvidos na unidade em que ela internou. Então foi muito doloroso durante todo o processo de adoecer dela, do tratamento em saúde, a gente teve que se deparar com uma pessoa totalmente desconfigurada por conta de um acidente de carro, não era aquela pessoa que a gente via no dia-a-dia, com aquele sorriso, era uma pessoa acamada (C3).

A partir dos dois relatos é possível perceber que a estudante Sandra Cristina Feitosa ficou marcada na memória dos estudantes que conviveram com ela, contudo, para o colaborador que deixou a universidade antes de seu falecimento, as recordações sobre a estudante são inexistentes. Para C2, no lugar de docente à época do seu falecimento, a memória antes do acidente remete à uma estudante comum, que teve notoriedade após o falecimento pelas circunstâncias em que ocorreu. Assim, é possível evidenciar o efeito do momento e da situação inesperada no corpo social do curso de enfermagem da UFRJ. As pessoas são elevadas à condição de representação por aquilo que vive, em determinado momento e contexto.

É interessante destacar que durante as entrevistas, nas falas dos colaboradores, os nomes Centro ou Diretório Acadêmico surgem como sinônimos, não respeitando a cronologia apresentada anteriormente, o que é comum quando se trata de lembranças. Muitas vezes o nome atual é utilizado pelos colaboradores. O processo de mudança do nome do Centro Acadêmico de Enfermagem para Diretório Acadêmico de Enfermagem inicia em 1989 com discussões, registradas nas atas de reunião, sobre as diferenças entre Centro e Diretório Acadêmico.

Entretanto, a mudança somente ocorreu dois anos depois. Nenhum colaborador soube responder os motivos pelo qual ocorreu a mudança de Centro para Diretório. C4, refere o processo como “natural”, o que mostra superficialidade na percepção. C1 refere que o processo ocorreu após sua saída da universidade em 1989. Para duas colaboradoras, a mudança de nome está relacionada apenas com a homenagem à Sandra Cristina Feitosa, não houve lembranças sobre a mudança de Centro para Diretório Acadêmico. Para C4 a escolha do nome da estudante Sandra, além de ser uma homenagem, era uma forma de dar ao agora Diretório Acadêmico uma identidade:

[...] até então nós simplesmente éramos ou Centro ou Diretório Acadêmico de Enfermagem, a gente não tinha uma identidade própria. E a gente tinha essa vontade de ter algum nome, assim como a turma quando se forma tem um nome que identifica que resume o espírito da turma. [...] E por coincidência,

quando a Sandra faleceu, e faleceu nessas condições que eu lhe falei, trabalhando, e por ser quem era enquanto pessoa e enquanto aluna, nós, do Diretório Acadêmico, achamos que era uma homenagem para ela e para o Diretório Acadêmico uma honra ter o nome da Sandra Cristina Feitosa (C4).

A motivação para dar o nome de Sandra Cristina Feitosa ao Diretório Acadêmico de Enfermagem da UFRJ emergiu em um contexto emotivo dos estudantes, causado pelo seu falecimento de forma precoce e inesperada, após sofrer um acidente de carro. Entende-se que a circunstância deste acidente foi marcante para tal homenagem.

A estudante Sandra havia saído de carona com amigos para lancha, após ter ficado até tarde trabalhando na organização de um evento no campus. No retorno houve o acidente, na Ilha do Governador, próximo a cidade universitária, para onde os estudantes retornavam. Sandra foi uma vítima fatal, não resistindo mesmo tendo sido socorrida e tratada no Hospital Universitário, onde faleceu. Os estudantes à época foram os que mais se envolveram com a situação e sentiram a perda da colega, líder e atuante na gestão do Centro Acadêmico de Enfermagem, e se sentiram por ela representados em sua identidade estudantil.

A partir de então, a mobilização estudantil foi em torno de prestar uma homenagem à Sandra, articulando discursos e convencendo o corpo social da EEAN por meio da emotividade aliada à trajetória acadêmica da estudante para que a mudança fosse legitimada.

DISCUSSÃO

Na apresentação dos resultados foi possível vislumbrar diferentes visões sobre as atividades desenvolvidas pelo CAEnf e a sua atuação, sobretudo quando comparados o movimento estudantil do período estudado e o atual. É notável que a percepção dos participantes mudou com o passar dos anos, sobretudo ao ingressarem na carreira docente. Todos os entrevistados reconheceram o valor do movimento estudantil e têm lembranças marcantes de sua época de estudante, mas criticam e questionam-se sobre os caminhos seguidos, que culminaram no movimento atual.

Para Michael Pollak (1992), “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” Assim sendo, ao narrar um momento que encontra-se no tempo passado as lembranças adquirem diferentes significados a depender de como o indivíduo se relaciona atualmente com essa memória. Dessa forma, torna-se compreensível as diferenças entre os modos de perceber o movimento estudantil, pois cada visão reflete não apenas fatos e memórias, mas também trazem questões relacionadas à identidade daquele que narra⁽³²⁾.

Conforme os escritos de Claude Dubar (2006) a identidade do estudante está relacionada a condição transitória de sua fase de vida, que permanece como entremeio entre a identidade herdada, construída pelo convívio familiar e a identidade profissional, que começa a ser construída ao ingressar na graduação. Por essência, o inconformismo e o questionamento de padrões sociais integram o estudante e o impulsionam para mobilizar-se politicamente⁽³³⁾.

Apesar da mudança na percepção dos colaboradores, em relação à atuação da entidade as mudanças não parecem ser tão significativas. A partir da leitura das atas de reunião armazenadas no Centro de Documentação da EEAN, sobretudo nas da gestão de 1989, os problemas e as discussões são muito semelhantes às preocupações atuais, o que promove o questionamento se a maior mudança foi na sua atuação ou na percepção das pessoas que deixaram de estar na universidade como estudantes.

Em relação às atividades, o estudo evidenciou que as reuniões da entidade serviam como delimitadoras de conduta e atividades a serem desenvolvidas pelo Centro Acadêmico e, além disso, eram um espaço de troca, de socialização das informações que vinham das participações dos estudantes da gestão dentro dos espaços deliberativos da universidade, como as reuniões de Departamentos e a Congregação da unidade a qual pertenciam. Também funcionava como local de construção de relações informais entre os estudantes, gerando amizades e relacionamentos amorosos.

Os relatos demonstram uma variabilidade de atuação do Centro Acadêmico de Enfermagem em diversas frentes, sendo elas na atuação acadêmica, dentro dos processos da universidade, na atuação política dentro do movimento estudantil ou externa, e ainda na promoção de encontros de estudantes

que permitem o intercâmbio de estratégias, conhecimentos e atividades. Nas atas de 1989 ainda se destaca a atuação do Centro Acadêmico no desenvolvimento das disciplinas e na resolução de conflitos entre alunos e professores. Outra movimentação importante era para participar do Encontro Nacional dos Estudantes de Enfermagem (ENEEn), que é anual e reúne estudantes de diversos estados brasileiros. Novamente, as atividades referidas pelas fontes escritas e orais aproximam-se da atual atuação da entidade.

O processo de mudança do nome do Centro Acadêmico de Enfermagem para Diretório Acadêmico de Enfermagem Sandra Cristina Feitosa inicia em 1989 com discussões nas atas de reunião sobre as diferenças entre Centro e Diretório Acadêmico. No entanto, a mudança somente ocorreu dois anos depois. Todos os entrevistados não souberam responder os motivos pelo qual ocorreu a mudança de Centro para Diretório.

A falta de registros formais das atividades do movimento estudantil dificultam a pesquisa histórica sobre o tema. É preciso recorrer quase exclusivamente à memória de quem vivenciou o período, contudo, com as mudanças de percepção supracitadas, pode-se perder a relevância de determinados momentos. A mudança de Centro para Diretório perdeu importância no tempo na memória dos colaboradores, dando lugar apenas à sua nomeação em homenagem à Sandra Cristina Feitosa.

Entre os estudantes que atuaram na gestão do Centro Acadêmico de Enfermagem, Sandra, tornou-se um ícone no imaginário estudantil. O acidente, em 1991, que pôs fim a sua vida de forma trágica e repentina causou muita comoção entre os estudantes de enfermagem da UFRJ que sentiram o ímpeto de homenageá-la dando seu nome ao Centro Acadêmico.

Essa morte criou um espaço na memória coletiva dos estudantes de enfermagem. A partir da sensibilização com o contexto que envolveu seu falecimento, os estudantes transformaram a Sandra em ícone, em modelo, em representação, por isso a mobilização para colocar seu nome na entidade representativa da classe estudantil é lembrada pelos estudantes que vivenciaram o período. Para Michael Pollak (1992)⁽³²⁾ a memória é constituída por acontecimentos, personagens, lugares e no contexto do estudo, Sandra tornou-se a personagem que foi inserida enquanto elemento da memória coletiva devido a um acontecimento, o acidente, que a tornou representativa de um determinado lugar, o Diretório Acadêmico.

A essência que compõe o estudante e a fase em que se encontra da vida são os elementos fundamentais que compõe todo o seu potencial político. O movimento estudantil do período estudado converge com o atual, no sentido de permanecer integrado à universidade pública e à conjuntura política do Brasil. A percepção de quem vivenciou muda, mas o movimento permanece geração após geração de estudantes e essa rotatividade é o que constitui o elemento central de suas potencialidades.

Considerando todo esse potencial de atuação do movimento estudantil universitário, o fortalecimento dessas entidades é importante. A defesa da universidade pública e de seu caráter democrático tem sido pauta constante nos acontecimentos recentes e os estudantes são a maior parte da composição de seu corpo social. Portanto, as entidades que os representam continuam a ter papel importante politicamente, assim como tiveram durante o regime militar e a redemocratização, como demonstrado neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro Acadêmico de Enfermagem da UFRJ é uma entidade com atuação política que congrega os estudantes de graduação em Enfermagem e tem papel importante na construção da identidade profissional do Enfermeiro formado pela UFRJ. Historicamente sua atuação se fez através de diversas atividades, sendo a mais importante as reuniões e assembléias, que congregavam os estudantes do curso para discutir questões políticas da universidade, da profissão e do país.

A motivação para dar o nome de Sandra Cristina Feitosa ao Diretório Acadêmico de Enfermagem da UFRJ emergiu em um contexto emotivo dos estudantes, causado pelo seu falecimento de forma precoce e inesperada, após sofrer um acidente de carro. Entende-se que a circunstância deste acidente foi marcante para tal homenagem. Assim sendo, o acontecimento deu origem a uma personagem que foi inserida na memória coletiva do Diretório. Sandra tornou-se no imaginário de seus colegas, modelo de estudante.

O presente artigo cumpriu os objetivos propostos e a História Oral foi estratégia fundamental para a sua produção, uma vez que não existem documentos escritos suficientes para a narração da história do Centro/Diretório Acadêmico de Enfermagem da UFRJ, no período de sua renomeação, o que foi uma limitação para a pesquisa.

A história é construída a partir de diversos estudos que apresentam visões e trazem descobertas objetivas e subjetivas a fim de recontar diversas vezes um mesmo acontecimento. Por conseguinte, este estudo registra um momento da história do atual Centro Acadêmico de Enfermagem da UFRJ, na expectativa de novas produções venham a aprofundar as discussões sobre a importância e o significado das entidades estudantil no contexto social e político do país e, especialmente, na construção ativa da identidade profissional.

REFERÊNCIAS

1. Tyrrell MAR, Santos TCF. Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: uma breve reflexão. *Esc Anna Nery*. março de 2007;11(1):138-42.
2. Barreira I de A, Sauthier J, Baptista S de S. O movimento associativo das enfermeiras diplomadas brasileiras na 1ª metade do século 20. *Rev Bras Enferm*. junho de 2001;54(2):157-73.
3. Associação de Ex-alunos da Escola de Enfermagem Anna Nery. Estatuto. Registro Civil de Pessoa Jurídica. UFRJ dez 31, 1971.
4. Aperibense PGG de S. Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985) [Internet]. Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2016 [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/51/teses/844209.pdf>
5. Fernandez CM, Tyrrell MAR, Neves F de C, Xavier MCS. Diretório acadêmico Sandra Cristina Feitosa da Escola de Enfermagem Anna Nery: lutas, vitórias e desafios. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2005;9(1):138-42.
6. Brasil. Dispõe sobre os órgãos de representação dos estudantes de nível superior e dá outras providências. Presidência da República. Lei no 7.395, de 31 de outubro de 1985. 1985.
7. União Nacional dos Estudantes de Enfermagem. UNE. História da UNE [Internet]. [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <https://une.org.br/2011/09/historia-da-une/>
8. Steck J. Há 80 anos, União Nacional dos Estudantes faz história no país. *Jornal do Senado*. 7 de agosto de 2017;1.
9. Paula GCC de. Atuação da União Nacional dos Estudantes UNE: do inconformismo à submissão ao Estado (1960 a 2009) [Internet]. 2009 [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1167>
10. Fausto B. História do Brasil. 14ª edição atualizada e ampliada. São Paulo: Edusp; 2012. 680 p. (Didática).
11. Cardoso LC. Entre o movimento estudantil e a luta armada: Eudaldo Gomes da Silva e o "Massacre da Chácara São Bento" (1960/1970). *História Oral* [Internet]. 18 de dezembro de 2012 [citado 20 de novembro de 2019];15(2). Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=266>
12. Siqueira MN de. O movimento estudantil na Guanabara de 1964 a 1968: contexto, objetivos, estratégias e consequências. *Diálogos - Rev Dep História E Programa Pós-grad Em História*. 2011;15(2):311-30.
13. Santos JDS. A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar. *Rev Aurora* [Internet]. 2009 [citado 20 de novembro de 2019];3(1). Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1224>
14. Azevedo LR. O papel da UNE no movimento estudantil na segunda metade do séc. XX. *Educ Cult E Comun* [Internet]. 2010 [citado 20 de novembro de 2019];1(2). Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/606>
15. Fávero M de L de A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educ Em Rev*. dezembro de 2006;(28):17-36.
16. Brasil. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. [Internet]. Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Emenda Constitucional no 95, de 15 de dezembro de 2016 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc95.htm

17. Mariano CM. Emenda constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos: Brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre. *Rev Investig Const.* 16 de fevereiro de 2017;4(1):259–81.
18. Câmara dos Deputados. PL 7180/2014 [Internet]. 2014 [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722&ord=1>
19. Brasil. Altera as Leis n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Presidente da República. Lei no 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 2017.
20. Ramos FRO. Reforma do ensino médio de 2017 (Lei no 13.415/2017): um estímulo à visão utilitarista do conhecimento. 2017;17.
21. Marafon G. Recusa à Judicialização e ao Projeto de Lei “Escola Sem Partido”: Análises a Partir das Ocupações Estudantis. [citado 20 de novembro de 2019]; Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/10478>
22. Melo JKL. Os 150 dias de governo Bolsonaro: “Pátria Amada Brasil”. [Internet]. [Sumé. PB]; 2019 [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/7987>
23. Estadão Conteúdo. Agência fruto da fusão Capes-CNPq pode ser administrada pela Presidência [Internet]. EXAME. 2019 [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/agencia-fruto-da-fusao-capes-cnpq-pode-ser-administrada-pela-presidencia/>
24. Silva MR da, Pires GDL, Pereira RS. A política de devastação e autoritarismo de Bolsonaro, ‘o exterminador do Brasil’: ‘future-se’ para o abismo, sofrimento e adoecimento de Brasil e a urgente resistência ativa. *Motrivivência.* 14 de agosto de 2019;31(59):1–15.
25. Executiva Nacional dos Estudantes de Enfermagem. ENEENF. Executiva Nacional dos Estudantes de Enfermagem mas afinal, o que é isto? [Internet]. [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <https://eneenf.wordpress.com/about/>
26. Carvalho AC de. Associação Brasileira de Enfermagem-1926/1976: documentário. *Rev Bras Enferm.* fevereiro de 2002;55(3):249–63.
27. Torres LH. O conceito de história e historiografia. *BIBLOS.* 1996;8(0):53–9.
28. LoBiondo-Wood G. Pesquisa em enfermagem: metodos, avaliacao critica e utilizacao. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.
29. Padilha MIC de S, Borenstein MS. O método de pesquisa histórica na enfermagem. *Texto Amp Contexto - Enferm.* dezembro de 2005;14(4):575–84.
30. Meihy JCSB. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Rev História.* 30 de dezembro de 2006;(155):191–203.
31. Prodanov CC, Freitas EC de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2a edição. Novo Hamburgo: Universidade Feevale; Editora Feevale; 2013.
32. Pollak M. Memória e identidade social. *Rev Estud Históricas.* 30 de julho de 1992;5(10):200–15.
33. Dubar C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais [Internet]. 2005 [citado 20 de novembro de 2019]. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/a-socializacao-construcao-das-identidades-sociais-e-profissionais/artigo/99f2abd1-8f6d-46e6-8872-4608b5862624>